

Arquivar e Testemunhar o Inimaginável: confluências entre O que os cegos estão sonhando?, de Noemi Jaffe e Cascas, de Georges Didi-Huberman

Milca Alves da Silva¹

Com o distanciamento temporal dos conflitos históricos do século XX, nosso olhar se volta para trás com mais frequência, como em uma busca por resquícios desses acontecimentos, seja para perpetuação da história, mundial ou individual, como também para entender os reflexos desse passado nas relações sociais atuais. Se tratando da Segunda Guerra Mundial e as violências perpetuadas nesse período, com o decorrer do tempo, e a diminuição considerável de sobreviventes dos campos de concentração nazistas, nos deparamos cada vez mais com o desejo de entender a participação da memória no processo de reconhecimento desse evento carregado de simbolismo.

Na literatura, esse interesse em revisitar períodos históricos que reverberam com intensidade na atualidade se destaca no volume de textos denominados como *Literatura de Testemunho*, que através da sua construção e da abordagem de acontecimentos que perpassam a existência de quem escreve, coloca em questão a relação entre a literatura e o real, carregando assim aspectos de uma escrita autobiográfica. Nota-se, portanto, na contemporaneidade o crescimento de narrativas que explicitam a relevância da memória neste processo e o surgimento de autores das gerações pós-sobreviventes interessados em trabalhar literariamente aspectos que desestabilizam as fronteiras entre passado, presente, real e imaginado. Neste contexto se insere o trabalho ensaístico e autobiográfico de Noemi Jaffe em *O que os cegos estão sonhando?* (2012), que além da prosa da autora e organizadora também contém o diário de Lili Jaffe (1944-1945) e um texto de Leda Cartum (2012).

O livro foi escrito por três mãos. Uma história contada por três vozes. Três gerações de mulheres da mesma família, que nos apresentam pontos de vistas diferentes sobre a Shoah². Primeiramente Lili Jaffe (1944-1945) uma jovem sobrevivente que após ser liberta decide registrar nos seus diários em retrospecto o que viveu no período em que esteve nos dois campos de concentração onde foi aprisionada: Bergen – Belsen e Auschwitz³. Na

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET

² Catástrofe em hebraico, termo que usarei aqui em lugar de Holocausto.

³ Este diário, traduzido do sérvio para o português, se encontra atualmente no Yad Vashem, Museu do Holocausto em Israel. (Jaffe, 2012, p. 8).

segunda parte Noemi Jaffe (2012) filha mais nova da sobrevivente e

organizadora do livro, assume ser uma porta voz da mãe, e em terceira pessoa a narradora/escritora no misto de ensaio e prosa de ficção leva o leitor a refletir, entre outras questões, sobre memória e esquecimento. Leda Cartum (2012) por sua vez, complementa esse trio representando a terceira geração de sobreviventes, e é através da relação indireta que tem com os acontecimentos históricos que perpassam sua vivência familiar, que teoriza sobre sua parte como perpetuadora do drama individual da avó, assim como também do drama coletivo da geração que vivenciou a Segunda Guerra Mundial.

O filósofo francês Georges Didi-Huberman (2017) que assim como a autora brasileira descende de vítimas da Shoah⁴, também evidenciou em diversas ocasiões sua preocupação em não deixar cair no esquecimento as experiências violentas que passaram seus precedentes. No livro *Cascas* (2017) que surgiu como resultado de uma visita em 2011 ao museu de Auschwitz Birquenau, o autor analisa registros fotográficos feitos por ele mesmo e reflete sobre a imagem e a memória traumática, em uma tentativa de enxergar o que pode ser considerado inimaginável, e encontrar a partir do que resta, possibilidades de sobrevivências. Neste processo são feitos questionamentos sobre a participação dos museus dedicados à Shoah, na banalização da violência e no uso da dor como objeto de consumo. Como estudioso contundente da imagem, o filósofo encontra nas fotografias feitas de cascas de bétulas⁵ sobre uma folha de papel o prelúdio para reflexões metamemorialísticas sobre a conservação da história com o passar do tempo.

Logo, nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados (Didi-Huberman, 2017, p. 61).

Nestas obras, destaca-se o interesse das gerações pós Shoah, em não perder o rastro dos acontecimentos, e os desafios encontrados à medida que o distanciamento temporal embaça essas linhas de ligação. Conforme novas gerações surgem, aquelas que foram diretamente impactadas morrem fisicamente, deixando viva apenas a memória, que para sobreviver precisa do trabalho consciente e ativo de quem vem depois.

⁴ Os avós maternos de Didi-Huberman foram assassinados em Auschwitz-Birkenau. (Didi-Huberman, 2017, p. 71).

⁵ Árvores típicas de terras pobres, estéreis ou siliciosas, presentes em Birkenau. (Didi-Huberman, 2017, p. 12).

Apesar de Jaff (2012) e Didi-Huberman (2017) partirem de pontos diferentes – a primeira toma como início o diário da mãe, o segundo se dedica a analisar imagens feitas por outros e também por ele – podemos perceber pontos em que as duas escritas se ligam: seja na busca do entendimento das vivências de familiares através dos detalhes menos aparentes, ou pelo interesse investigativo que demonstram com os objetos que se propõem a desvendar: diário e fotografia. Nota-se nos dois textos, aspectos das incertezas que são inerentes a quem se propõem a reverberar acontecimentos que são em grande parte incompreensíveis. Possivelmente por essa instabilidade dos relatos, registros e até mesmo da memória, ambos os autores recorrem à invenção a partir da imaginação. “Para representar alguma coisa pelo menos, um mínimo do que é possível saber”. (Didi-Huberman, 2017, p. 30).

Nesse caminho de rememoração e imaginação o autor francês destaca a partir dos relatos de outros sobreviventes da Shoah⁶, aspectos do testemunho que vão além dos fatos declarados e se misturam com afetos, representações e impressões que se mostram tão emergenciais quanto fotografias de um membro do Sonderkommando⁷, onde o que não se pode reconhecer entra em confronto com o que é reconhecível, como um jogo de luz e sombras. A autora brasileira, por sua vez, em capítulo intitulado Memória, faz o mesmo movimento de desvendamento ao defender a participação do esquecimento no processo de construção da lembrança, como se esquecer de algo fosse uma forma diferente de lembrar

Jacques Derrida (2012) afirma que não há arquivo sem uma seleção e que toda seleção é uma violência, não apenas no aspecto de autoridade política, mas também como um ato primário e às vezes inconsciente de cada pessoa naquilo que a memória guarda ou destrói. Assim o desejo de arquivar se manifesta pela consciência da finitude do rastro. Para o autor, o arquivo se trata do futuro e não do passado, pois selecionamos o que consideramos “que é preciso que se repita, que se guarde, que se repita no futuro”. (p. 132).

Philippe Artières (2004) no que lhe concerne, aponta a autobiografia como uma prática mais acabada do arquivamento do eu, onde não só selecionamos alguns acontecimentos para serem registrados, mas também onde as nossas escolhas de ordenamento desses acontecimentos determina os sentidos que desejamos dar a vida. O autor que considera um dever humano produzir lembranças e compreende o arquivamento

⁶ David Szmulewski, Zalmen Gradowski, Lejb Langfus, Zalmen Lewental, Yakov Gabbay, Filip Müller. (Didi-Huberman, 2017, p. 52).

⁷ Grupo de prisioneiros judeus obrigados a extrair os cadáveres das câmeras de gás, transportá-los aos fornos crematórios e depois dispersar as cinzas. Alguns de seus membros foram decisivos na preparação do levante dos prisioneiros, que acontece em outubro de 1944. (Didi-Huberman, 2017, p. 75).

da própria vida como uma contribuição ao conhecimento do gênero humano, afirma que esse arquivamento através de diversos registros incluindo entre eles a escrita, é uma forma simbólica de desafiar a ordem das coisas e refutar a representação que outros têm de nós.

Neste sentido, quando consideramos sua dimensão coletiva, a responsabilidade de testemunhar ou arquivar os eventos não testemunháveis da Segunda Guerra trás para as próximas gerações o dever de lembrar o passado, sem a menor esperança de que possa fazê-lo. Assim percebemos nos textos dedicados a memória características de um “narrador sucateiro”⁸, aquele que não se interessa prioritariamente pelos grandes acontecimentos, mas se dedica ao que é rejeitado, esquecido, ou que passa despercebido. Essas características se destacam em *Cascas* (2017) quando o autor avulta a relevância de mudarmos o nosso olhar ao visitarmos lugares que protagonizaram barbáries e foram transformados em espaços culturais, como o museu de Auschwitz. Para o autor é preciso olhar para o que está abaixo de nossas vistas, “as coisas chãs” (p. 28) como em uma investigação do que não foi organizado, catalogado e enfeitado para ser observado.

Noemi Jaff (2012) ao seu modo, também se interessa pelo que tem de enigmático nos relatos da mãe. A impressão de que ela sempre se lembra das mesmas coisas, leva a filha a procurar pelo que foi vivido e não registrado no diário, como se fossem sucatas, descartável ou menos importante. Como se houvessem outros espaços da memória a serem visitados, onde seria possível encontrar fatos novos. Ao se deparar com os desafios de perceber algo frívolo entre as memórias tão fixas de sua mãe, manifesta-se então o desvendamento através da imaginação, suposição, criação. A autora afirma que cada história que se perde no mar de histórias de sobreviventes é única, e não há uma motivação nítida sobre o sentido de contar uma história de sofrimento individual para o público. Mas conclui que as palavras podem ser a memória que a mãe perdeu, “[...] não somente porque é através delas que se conta uma narrativa, mas porque elas, em si mesmas, fixam minimamente algo cuja tendência natural é desaparecer” (p. 185).

Mas por que esta insistência da filha em que haja outras lembranças? Que as histórias que são contadas se completem com nuances, surpresas, coisas desconhecidas? Como se fosse possível, para ela, capturar lances que escaparam e que, por serem fugazes, por terem desaparecido, possam revelar algo que está fora ou por trás desta fixidez. Algo que a faça compreender melhor o abismo que a separa da mãe. (Jafee, 2012, p. 196).

Em *Imagens apesar de tudo* (2004) Didi-Huberman propõem como alternativa a essa

⁸ Gagnebin, 2006

incompletude - dos registros históricos, das imagens, da memória - um movimento de imaginação e destaca o papel da montagem nesse processo. A partir do conceito de *imagem dialética*⁹ o autor defende que ao montar aquilo que não podemos ver ou entender tornamos possível a percepção das diferenças como uma forma de conhecer o que não se pode perceber em sua completude, o que não é acessível por inteiro. Assim, o conhecimento através da montagem e consequentemente da imaginação se entremeia em o que buscamos entender e o que sabemos não ser possível capturar.

Essa necessidade de trabalhar com os restos e entender a partir da montagem se destaca de formas diferentes, mas que se assemelham em alguns pontos nas obras em questão. Jaffe (2012) aponta no diário da mãe incongruências no tempo verbal que evidenciam a falta de domínio da escrita. Ao escrever no diário, Lili Jaffe (1944 – 1945) relata o passado usando o tempo presente, recurso que reforça o efeito de realidade contido no texto. Entretanto essa escolha que possivelmente se dá mais por intuição provoca o uso inadequado de algumas palavras que algumas vezes são aplicadas no passado e em outras no presente. Essa dificuldade que também se dá no processo de tradução do diário¹⁰, no entendimento da filha “muda tudo”, como se a própria inconsistência do relato se manifestasse como características reveladoras do ato de testemunhar. Uma forma de destacar o poder da iminência. Por esse motivo, ao usar o diário da mãe, Jaffe (2012) escolhe preservar as confusões, em uma tentativa de ser fiel ao testemunho de quem o escreveu.

Ao conversarem, a filha vê que ela mistura os tempos verbais em português, usa alguns inadequadamente e fala a língua muito mais por hábito e intuição do que por alguma consciência linguística. Durante o processo de tradução do diário, ela também teve uma dificuldade muito grande em traduzir de forma apropriada os tempos verbais. De qualquer forma, o efeito criado pelo uso do presente nessa primeira parte é muito bonito. Muda tudo. *Todos à minha volta, assim como eu, estamos tristes*. Tudo isso tinha acontecido apenas um ano antes dessa narração. Era recente e, ao mesmo tempo, talvez também estivesse tão afastado no tempo como nada mais pode estar. O uso do presente pode ser tanto pela proximidade quanto pela distância; como se fosse uma cena que ela avistasse ao longe, em algum cinema perdido da memória e – como muito daquilo que ela viria a contar mais tarde –, como se não tivesse acontecido exatamente com ela, mas com alguma outra “ela” que ela enxergasse ao longe. Uma terceira pessoa de si mesma, assim como a filha está fazendo neste livro, neste pós-relato espoliado. (Jaffe 2012, p. 191-192)

Esse passado individual é buscado por Leda quando tenta visualizar o que os seus

⁹ Benjamin, 2018

¹⁰ O diário foi escrito primeiramente em sérvio e posteriormente traduzido para o português por Lili Jaffe. (Jaffe, 2012, p. 8).

avós passaram, imaginando que poderia ter acontecido com ela mesma. “É como se assim eu abrisse uma brecha por onde pudesse ver algum trecho, alguma imagem da guerra: mas eu estico os braços e não tenho acesso” (Jaffe, 2012, p. 236). Enquanto o testemunho de Noemi é uma busca de significados e compreensão a respeito das experiências traumáticas de sua mãe, o testemunho de Leda se apresenta como uma procura constante por identificação com a história e cultura da sua família.

Apesar de se perceber profundamente marcada pelo evento, Leda herda algo que não entende. É através dos escritos, dos relatos e do que sobressai das paredes de lugares como Birkenau que essa geração se lembra do que não viveu mas que, no entanto, carrega. A segunda geração se encarregou de “[...] tirar as ervas daninhas, arar a terra, semear” (p. 234), deixando um terreno limpo e pronto para quem veio depois. Mas esse puxar de fios da trama que é a história dos sobreviventes, pode se revelar um grande nó para a terceira geração e é com esse gesto de puxar os fios que Leda lê o diário de sua avó. Em um movimento contínuo de busca por algo que não volta, uma necessidade de recuperar algo que não pode ser recuperado e a “[...] constante sensação de estar puxando uma linha cujo anzol não físgou nada, apesar de pesar muito” (Jaffe, 2012, p. 235).

Didi-Huberman (2017) fala sobre as incongruências consequentes da iminência no registro testemunhal a partir da análise de quatro fotografias feitas por um membro do Sonderkommando, que constituem até hoje os únicos testemunhos visuais de uma operação de asfixia por meio de gás no próprio tempo do seu desenrolar. Três dessas fotografias foram instaladas no museu de Estado de Auschwitz-Birkenau¹¹, fato que desperta o interesse do autor, pela ausência de um dos registros imagéticos, o primeiro.

Na imagem que não está em exposição no museu é possível observar apenas algumas árvores e parte do céu, e possivelmente por isso foi considerada menos importante como testemunho pelos curadores da exposição. A partir dessa seleção feita pelo que o autor nomeia de *pedagogia memorial* percebemos as falhas possíveis quando tentamos corrigir o relato para que se torne mais nítido, ou fácil de entender. Para o filósofo mesmo sendo menos evidente, existe uma importância testemunhal na imagem que foi subestimada, pois ela destaca o extremo perigo vivenciado pelo fotógrafo na hora do registro. Assim nota-se a importância dos testemunhos, mesmo os menos coerentes, como representação de uma realidade que não está claramente visível, mas que permite a consolidação da memória para

¹¹ “Imagens apesar de tudo”, redigido entre janeiro e junho de 2000, e publicado em janeiro de 2001 como parte do catálogo da exposição fotográfica “Mémoire des camps: photographies des camps de concentration et d’extermination nazis (1933-1999)”, organizado por Clément Chéroux (Paris, Marval, 2001).

as gerações futuras.

Para nós que aceitamos examiná-la, essa fotografia “defeituosa”, “abstrata” ou “desorientada” testemunha algo que permanece essencial, isto é, o próprio perigo, o vital perigo de presenciar o que acontecia em Birkenau. Testemunha a situação de urgência e da quase impossibilidade de testemunhar aquele momento preciso da história. Para o idealizador do “lugar de memória”, essa fotografia é inútil, uma vez que privada do referente que ela visa: não vê ninguém nessa imagem. Mas será necessária uma realidade claramente visível – ou legível – para que o testemunho se consume? (Didi-Huberman, 2017, p. 49).

Segundo Agamben (2008) o intuito das testemunhas geralmente é relatar a verdade a partir de uma consistência e plenitude. No entanto “o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável que destitui a autoridade dos sobreviventes” (p. 43). Assim percebemos que, às outras gerações que recebem a função de perpetuar o testemunho no lugar das “testemunhas integrais” resta o dever de fazê-lo a partir de sua impossibilidade. Fato que altera definitivamente o valor aplicado ao relato e impulsiona essas testemunhas a uma zona de imprevistos, na busca de sentidos a partir da seleção e do arquivamento.

DidiHuberman também cria seu arquivo individual ao tirar fotografias que ele inicialmente afirma serem feitas ao acaso enquanto visita Birkenau. Aqueles poucos pedaços de cascas, os solos fissurados, os rastilhos de flores silvestres defronte do crematório V, o passarinho entre os arames farpados, como ele mesmo percebe ao visualizar as fotos, não foram, no entanto, registrados tão ao acaso. São, para a memória do filósofo, “[...] o que algumas aparas de cascas de árvores são para um único tronco: lascas de pele, carne germinando.”(Didi-Huberman, 2017, p. 72). O autor não sabia o que tinha ido fazer em Birkenau, tinha dúvidas sobre o motivo de voltar àquilo, mas caminhava indeciso orientado por um saber construído desde a infância. Enquanto andava pelo lugar de memória, o filósofo reinscrevia esse lugar em sua história familiar. Uma história de sobreviventes.

Tal como as inundações provocadas pelas chuvas em Birquenau trouxe à superfície fragmentos escondidos das chacinas¹², as gerações pós Shoah possivelmente continuarão por um tempo imensurável lidando com o impacto dessas violências em suas vidas. As percepções do regurgitar da história variam e podem se revelar através da tentativa de esquecimento, culpa, o no caso das obras analisadas, também a partir do entendimento

¹² Didi-Huberman, 2017, p. 62.

através da imaginação. Assim, como em um puxar de fios em busca de uma explicação que se revela em um grande nó, permanece o desejo de não deixar esquecer, e lembrar-se, sobretudo do que não foi vivenciado, mas faz parte de uma história individual e coletiva.

Não somos cúmplices da guerra ou dos campos de concentração, porque não estivemos ali, porque viemos depois; mas somos todos cúmplices desta lembrança. Todos nós dividimos entre nós este peso do que aconteceu com aqueles que eram como nós: e é preciso que consigamos, através desta cumplicidade, acreditar que aconteceu aquilo que não podemos conceber (Jaffe, 2012, p. 236).

Ao relacionar a palavra Auschwitz com outras palavras que remetem às guerras que fazem parte da história mundial, mas que não têm mais influência considerável na geração atual, Noemi demonstra sua preocupação em não perder os rastros. O testemunho de quem não viveu a Shoah, pode evidenciar o espaço que existe entre a necessidade de se relatar os absurdos da guerra, e a impotência de não se conseguir ser fiel ao real, por não ter vivido de fato o acontecimento. Todavia essa ambiguidade de sentimentos não está relacionada a uma escolha, pois ainda que queiram se desvencilhar das memórias dos pais, estão presos a essa identidade que foi construída pelo peso das memórias da guerra.

Noemi e Leda não viveram o horror da guerra e por isso essa relação de proximidade distanciada permite que elas criem um pós-relato como rememoração do passado da mãe/avó, Lili. Leda, aborda a ideia de simultaneidade temporal e destaca que, ao viajar para Alemanha e para a Polônia, percebeu sua inquietação em saber que, enquanto vivia sua vida normal, as coisas que já haviam se passado e se relacionavam ou não com sua existência, continuavam ecoando, como se “[...] as vidas de outros tempos continuassem acontecendo por repercutirem em nossas vidas atuais” (Jaffe, 2012, p. 233). Para a terceira geração de sobreviventes, dimensionar a influência das coisas que aconteceram antes, sobre aquilo que eles são hoje, se torna uma tarefa ainda mais difícil, pois antes de sua existência, uma geração já desbravou o “matagal sórdido do trauma” (p. 234).

O testemunho dos sobreviventes é um espaço de tensão, que ao ecoar os sentimentos do trauma esfiapa-se como cascas de uma árvore. Essas cascas da história também sentirão os efeitos do tempo: o desgaste do tema, a banalização da dor, a fetichização da memória, até mesmo o negacionismo histórico. No entanto algumas das testemunhas indiretas dessa barbárie permanecem na tentativa de recolher os restos a partir do arquivamento e da perpetuação da memória, conservando uma história de sobreviventes. Assim como para Didi-Huberman (2017) a casca da Bétula tem a mesma relevância que todo o tronco, sendo inclusive por ela que a árvore se exprime, o testemunho das gerações posteriores a Shoah

não é menos importante que o dos sobreviventes direto, mas sim, uma forma diferente de testemunhar.

Podemos dizer então, que possivelmente é pelo testemunho distanciado das próximas gerações que os rastros dessa memória se estabelecem, como torna se perceptível nas obras abordadas neste texto. Leda Jaffe, no parágrafo final de seu capítulo, que também encerra o livro, ao falar sobre sua busca por resgate da memória enquanto lê os diários da avó, deixa para o leitor uma frase de fundamental importância: “Não se pode perder, é preciso lembrar, é preciso segurar-se nesse movimento misterioso que faz a lembrança, sobretudo a lembrança do que não vivemos e, no entanto, carregamos.” (Jaffe, 2012, p. 237).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.

ARTIÉRES, Philipe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 11, n. 21, 1998, p. 9-34. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061> Acesso em 15 de set. 2023

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

CARTUM, Leila. Aqui, lá. In JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando? : com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum*. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível* (1979-2004). Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKYM, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando? : com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum*. São Paulo: Editora 34, 2012.